

| O Santo Ofício

UM MISTÉRIO CHAMADO CLARICE

Por Franklin Jorge

NUMEROSAS REEDIÇÕES – e a publicação contínua e regular de livros sobre Clarice Lispector – reiteram a grandeza de sua obra, cada vez mais lida e discutida, dentro e fora do Brasil. Nascida na Ucrânia, numa pequena aldeia, aqui aportou com apenas dois meses de vida, criando-se até os doze anos em Maceió e Recife, onde morou num cortiço da cidade velha e conheceu a solidão e a fome. Morreu prematuramente, de câncer, aos 57 anos, no Rio de Janeiro, em 1977. Conheci-a já erigida em mito e aureolada de mistérios, vivendo e escrevendo, a poucas quadras de minha casa.

Lembro-me que a li, tardiamente, numa pequena coletânea de contos seus – “Os mistérios da rosa” --, uma publicação de bolso em papel-jornal, de baixo custo, destinada a estudantes. Ah, antes eu tentara ler seus romances “A maçã no escuro” e “A cidade sitiada”, porém confesso que não consegui ir até o final, por causa da extremada subjetividade e complexidade do seu pensamento. Porém, apesar desse começo malgrado, jamais desisti de Clarice, até que mergulhei em seus contos e não parei mais.

“Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres” foi o seu primeiro romance que li do começo ao fim, numa tarde, na casa de minha avó, em Natal. Em seguida li “A Paixão segundo H.G.” e todas as suas obras já publicadas ou que apareceram depois, inclusive postumamente. Foi Hélio Tavares, depois procurador federal, quem primeiro me encorajou a ler Clarice, após meu fracasso inicial, e emprestou-me “Uma Aprendizagem...”, que acabara de sair. Creio que cheguei a possuir todos os seus livros e os primeiros que se escreveram a seu respeito. Ela me deu, através de sua obra, uma idéia da grandeza e da originalidade da literatura brasileira.

Eu me lembro que, ao chegar ao Rio, a caminho de casa, comprei e li dentro do táxi a sua crônica semanal publicada no Jornal do Brasil, naquele dia, coincidentemente, inspirada em Lúcio Cardoso, por quem ela fora apaixonada, segundo vim a saber depois, ao participar do círculo que subsistia em torno da memória do autor de “Crônica da casa assassinada”, do qual Maria Helena e Walmir Ayala eram os nomes mais eminentes desse fervoroso culto. Esse texto de Clarice foi depois transcrito em “A descoberta do mundo”, que possuí e me foi roubado com outros livros de minha biblioteca, vendidos na pedra dos sebos de Natal, nos anos noventa do século passado [assunto, aliás, que daria uma boa crônica não tivesse eu que mexer em merda...].

Meu Deus, agora noto que este espaço está acabando e não escrevi nada do que pretendia dizer sobre Clarice, uma autora que evidentemente não cabe numa crônica, nem mesmo numa enciclopédia, tamanha a complexidade do que escreveu em meio às dificuldades e privações da vida cotidiana, que para ela foi um desafio permanente, pois, afinal, em pleno dia se morre. Talvez, antes do ponto final, ainda possa acrescentar quanto era admirada, por exemplo, por Luisa Mercedes Levinson, grande escritora e por muitos anos minha amiga, considerada pela crítica portenha e espanhola “a Clarice Lispector da Argentina”, a quem um dia presenteei com um exemplar de “Aonde Estivestes de Noite” ou de “A Via-crucis do Corpo”, não lembro ao certo, cujas páginas internas recobri com uma fina camada de ouro em pó, um presente do meu pai que eu trouxe comigo de minha temporada no inferno da Amazônia...

Sei também que costumava beber café com coca-cola, para não dormir, e adorava galinhas, que considerava bichos quase humanos, inteligentíssimos. Há em um desses inéditos, mais precisamente em “Os Diários do Rio”, uma página curta que Jorge Antonio escreve sobre um encontro de Caio Fernando Abreu com Clarice, numa rua do velho centro do Rio de Janeiro. Surpreendemos a escritora conversando com um camelô, naquela parte do centro que conhecemos como “Saara”, uma espécie de feirão do Alecrim, porém mais pitoresco e civilizado.

FRANKLIN JORGE (Rio Grande do Norte) - Escritor e Jornalista. Vencedor do *Premio Luis Câmara Cascudo* em 1998, com o Livro: *Ficções Fricções Africções* (Mares do Sul, 1998). Edita o blog *O Santo Ofício*: <http://www.franklinjorge.com/>